

Retratos fantasmas



Por **ANTONIO HENRIQUES LEMOS LEITE FILHO***

Comentário sobre o documentário de Kleber Mendonça Filho

Assistir *Retratos fantasmas* de Kleber Mendonça Filho é nos deparar com nossos velhos fantasmas, dos velhos cinemas e da forma de ocupação dos centros das cidades que vivi, e como dessas lembranças emergem meus fantasmas, e com certeza, de todos aqueles que viveram a vida dos cinemas dos centros de nossas cidades. Às vezes penso que minha primeira religião foi o cinema, depois vieram o catolicismo, o futebol e mais tarde o trotskismo. Uma vez lendo Trotsky, a certa altura ele descreve que no socialismo o cinema teria o papel da religião, na sociabilidade e no encantamento, e teríamos uma nova religião civil, como tantas que professamos ao longo da vida.

No entanto, os cinemas como esse espaço de encontro nas ruas das cidades foram declinando desde o fim do século passado. Eu cresci ao lado do Cine Roxy (outrora Cine Imperial), que fez partes dos negócios da família de meu avô, em Anápolis, e nele aconteceram minhas primeiras experiências com as cortinas vermelhas e a projeção na sala escura. Em muito menor medida também frequentei o Santana e o Santa Maria.

Mas no Roxy eu encontrei e me tornei íntimo de Mazzaropi, chorei (acho que pela primeira vez no cinema) quando o Lupa morreu em *O Trapalhão nas Minas do Rei Salomão*, e fiquei extasiado quando meu pai negociou com o bilheteiro para eu entrar depois do início da sessão para ver *Planeta dos Macacos* (a censura nos impedia). O sons do cinema invadiam e faziam parte do cotidiano da casa da minha vó, que morava ao lado. Lembro como ela ficava triste com os sons das longas perseguições de moto em *Chuva Negra* de 1990, que a faziam lembrar de meu tio recém falecido, que era motociclista.

Tão marcante como as sessões do Roxy, foi meu pai ter me levado para assistir o *Império Contra Ataca* no cine Casablanca em Goiânia, e sentir o medo atávico de me deparar pela primeira vez com Darth Vader. Depois o Roxy reprisou o *Guerra nas Estrelas* (na época chamávamos somente assim), talvez o jedaismo e a força, tenham se tornado uma religião à parte. Quando, muitos anos mais tarde, levei meu filho no cinema pela primeira vez, vimos *Ameaça Fantasma*, senti que um ciclo da minha vida tinha se completado.

Ao nos mudarmos para Porto Velho passei a frequentar outros templos. O velho e imponente Cine Resky, os filmes de kung-fu no Cine Brasil, e o destino de nossas gazetas vespertinas, que exigiam que saíssemos correndo do recreio a tempo de pegar as matinês das 16 horas no Lacerda, onde assisti Ben-hur, Superman, Gandhi, Mad Max, Betty Blue, e centenas de filmes, dentre eles o primeiro pornô.

Voltando à Goiânia nos 1990 a maioria dos cinemas ainda estavam nas ruas do centro, e ainda havia um em Campinas (um bairro antigo), neste ano seriam inauguradas as salas do Bougainville, o segundo shopping com cinemas da cidade, e pouco a pouco fomos vendo os cinemas do centro fecharem, virarem igrejas e outros empreendimentos, e nossas cidades com os centros menos vivos e cinzas. E assim sumiram o Casablanca, o Astor, o Capri e tantos outros.

a terra é redonda

O Filme de Mendonça Filho, me fez lembrar vividamente das longas conversas com o projetista do Cine Cultura, esse ainda existe (mas não é propriamente um cinema de rua), que certa vez me disse que *Cinema Paradiso* era a estória da vida dele. Não há como assistir ao filme dele e os relatos ali mostrados sem lembrar do filme italiano.

E com o fim dos cinemas de rua, seguimos destruindo os centros de nossas cidades, aceitando as pressões do capital, que não aceita a ideia de preservação dos patrimônios, que fica cada vez mais arborizada, que faz cada vez mais uma cidade ser hostil a pedestres e ciclistas. Que não tem o humano como centro.

Os que tirarem um tempo para ver o filme de Mendonça Filho, vão ser confrontados com seus respectivos fantasmas. E como ele diz no filme, os melhores documentários são os filmes de ficção e as distopias são o melhor retrato do devir. E tudo ficou o dever de pensar o futuro de nossas queridas cidades, e seus cinemas (e da nossa cultura tão atacada).

O cine Ritz na rua 8 ainda resiste, junto a bares frequentados pela juventude, mas até quando?

***Antonio Henrique Lemos Leite Filho** é professor do curso de direito do campus da cidade de Goiás da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Referência

Retratos fantasmas

Brasil, documentário, 2023, 93 minutos

Direção e roteiro: Kleber Mendonça Filho

Montagem: Matheus Farias

Direção de fotografia: Pedro Sotero

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)